



Gaiato

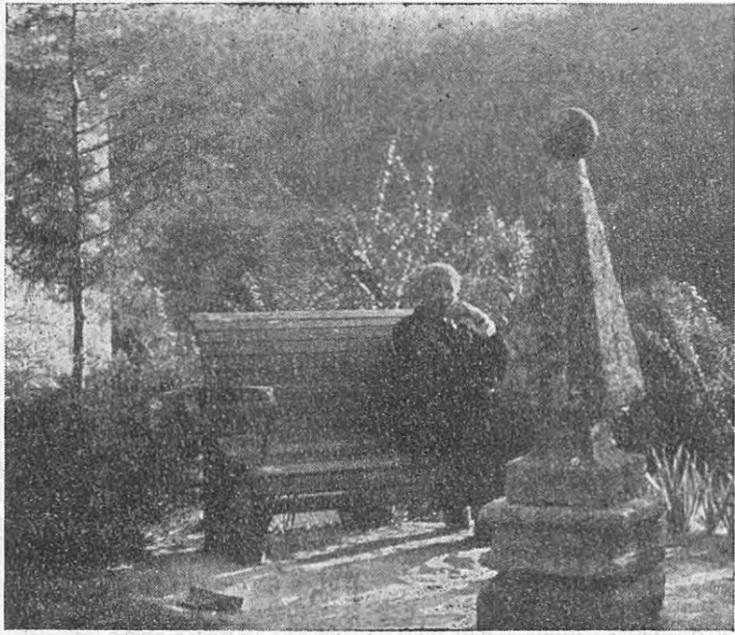


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

30 DE JANEIRO DE 1965
ANO XXI — N.º 545 — Preço

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENARI
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



Pai Américo, no banco do seu jardim, em uma hora de reflexão.

Ainda as nossas BODAS DE PRATA

Os ecos do nosso jubileu não se calaram. Que quanto nele houve de chamada à nossa consciência, porventura algumas vezes menos acordada para a presença actuante de Deus nesta Família do Seu Povo, seja voz permanente a estimular-nos à tomada generosa e decidida de toda a responsabilidade que o Senhor quer descarregar sobre nós — descarga que representa e efectua o Seu compromisso connosco.

«Sem Cristo nada é possível. Com Ele nada é impossível» — deixou-nos recomendado Pai Américo, repetindo o Evangelho. Contudo, à pequenez do homem repugna «andar segunda vez sobre as águas» — como se Quem fez o primeiro prodígio o não pudesse repetir quanto quizer.

O passado é garantia do futuro, mas garantia que responsabiliza. Enquanto garantia, conforta; enquanto responsabilizante, faz estremecer a pequenez do homeni.

Eis a nossa posição, ao continuarmos a caminhada um quarto de século depois dos primeiros passos.

E no entanto, «se Deus é connosco quem contra nós?» A Sua presença manifestar-se-á diferentemente consoante a idade da Obra e a condição dos tempos, mas sempre a verdade se há-de verificar: «Se Ele é connosco, quem contra nós?»!

* * *

Os nossos 25 anos foram oportunidade de muitos mimos que agradecemos ao Senhor e, por Ele e nEle, a quantos no-los proporcionaram.

Foram os Amigos conhecidos. Foram imensos dessa imensa legião de anónimos que nos ama e nos ajuda, os quais os nossos

Continua na SEGUNDA página

Como vejo o Padre Américo

Pelo Doutor Martins de Carvalho

— Como vejo o Padre Américo?

— É como um homem extraordinário, como um apóstolo de caridade numa época de transição.

O século XIX, com o seu liberalismo económico, criou todo um conjunto de problemas que, em termos católicos, Ozanan procurou resolver. Foi a altura em que se aceitou o mito da inevitabilidade da pobreza económica. E em que surgiu a Obra redentora dos vicentinos a levar ao nosso irmão pobre a esmola que não é apenas o pão de cada dia e que, em última análise, beneficia o próprio que a dá.

Mas, o século XX tem substituído progressivamente as economias de subsistência pelas economias de mercado. Mudaram os parâmetros da apreciação da realidade, o que não quer necessariamente dizer que mudou a própria realidade.

O século XX revelou a possibilidade factual da existência de sociedades sem pobres no sentido económico da palavra. Mudou ainda os parâmetros, as ideias anteriores, na medida em que desenvolveu o conceito de justiça social, e em que nas encíclicas, como a «Mater et Magistra» ou a «Pacem in Terris», se fala do direito ao trabalho, no direito à saúde, em termos herdados do Pontífice extraordinário que antecedeu esse outro Pontífice extraordinário que foi o Santo Padre João XXIII.

Estamos, portanto, vivendo uma época de transição. E nessa época de transição, surgem, por vezes, conceitos novos, que é preciso cristianizar. Surgiu de raiz, talvez objectável, o conceito, que a actualidade revela utilíssimo, de planificação. Surgiram as primeiras grandes estruturas duma problemática

sócio-económica ou sócio-cultural, que só em plano conjunto se considerou possível considerar e resolver. Mas breve os planos clássicos, as estruturas fundadas apenas pelos dados do facto da ciência económica, se revelaram insatisfatórios para os problemas reais da vida e para estes seres de carne, sangue e espírito que, planificados ou planificadores, somos afinal todos nós. E então, nos últimos anos — é a referência complementar que quero fazer para procurar depois, dentro dela, enquadrar o apóstolo actual que foi o P.e Américo — e nos últimos anos, em parte contra o esquematismo material das planificações, surgiu esta ideia redentora, personalista, das comunidades como forma de reconduzir a realidade da Obra conjunta à realidade humana fundamental: o homem! Quer dizer, quando hoje se fala numa estruturação planificada, quando hoje se programa em termos de planificação, sabe-se que se a planificação for apenas a planificação clássica, ela não chega à periferia, ou muito dificilmente

Continua na SEGUNDA pág.

Obra da Rua

Por Padre Garric

Primeira ideia — A Obra da Rua é fruto duma alma de Padre extremamente rica. Ou por outras palavras: A Obra da Rua é fruto de uma vida interior intensíssima, autêntica.

Já lá vão perto de 10 anos. Era um domingo de manhã. Padre Américo tinha de falar aos teólogos do Seminário do Porto e, antes de o fazer, estava comigo a tomar o pequeno almoço. Ao contrário do costume, nesse dia estava exuberante. Tantas vezes eu queria que ele falasse e ele não era capaz de falar! «Ó rapaz não me estejas a maçar». Não era capaz de falar! Naquele dia, não sei porquê, ele estava exuberante.

E falou e disse, esclareceu coisas, tocou ideias. Entre as ideias que tocou, ele tocou a ideia que souto, fez brotar as Colónias de férias, as Casas do Gaiato, o Património dos Pobres, e já falava no «Calvário» que foi o seu canto de cisne. E começou então a explicar como é que tudo nasceu. E disse assim:

Padre: Isto tudo é fruto da acção de Deus alma. Nada sai de mim.

E depois começou a tocar em esquema o mistério do Senhor:

Deus é a Vida. A vida grande, a vida autêntica, a vida genuína. Deus é o Amor, a Caridade. E por isso, porque é o Amor, Ele tinha de Se comunicar. Ele tinha de Se derramar. Ele tinha de Se dar. Ele tinha de Se dar-Se todo. (Ele insistia.) E dar-Se todo. E enquanto

Continua na TERCEIRA página

Como vejo o Padre Américo

Cont. da PRIMEIRA página

chega ao homem concreto, ao homem para o qual se fazem as planificações, existem os governos e se actua no campo político e em todos os sectores da estruturação do campo material! Quer dizer, numa estrutura actual do problema desta índole, há duas metades que são chamadas a desempenhar cada uma a sua tarefa, numa missão comum. O plano económico visa alterar a estrutura; a organização das comunidades visa conseguir que, em base personalista, o plano grande, traçado em regra de base estadual, chegue humanizado a cada um de nós. Ora, nesta época tão difícil de definir, nesta época em que se chocam duas idades, e em que procurei apenas esquematizar três ou quatro das ideias fundamentais, que fez o Padre Américo?

Visitou o Pobre, mas planificou a acção a desenvolver. Actualizou, portanto, a reengenharia de Ozanam. Fez recuperação social num meio, ou fora do próprio meio. Obedeceu, portanto, à verdade das teses personalistas. Traçou esses planos gerais partindo da realidade humana concreta e não apenas da estruturação do gabinete, da estruturação teóricamente certa de um problema que afinal se não viveu.

● A Obra atinge o seu mais alto estágio no «Calvário»

Quer dizer, passou o realismo dum pensamento de Balmes, por exemplo, ao campo da actuação da Obra, fez até o «Calvário», mostrando bem claro que Deus é a solução, a solução última, mesmo para aqueles que já não têm solução. A Obra do Padre Américo, atinge o seu mais alto estágio no «Calvário» — como Jesus Cristo, também.

Podem a esta Obra humana indicar-se limitações e defeitos — e não os indicar, seria desagradar ao Padre Américo e ao que devemos à sua memória. Pode pensar-se que ele por vezes desconfiava do Estado mais do que o Papa João XXIII!... Mas talvez tivesse as suas razões!... Pode dizer-se que, na sua Obra, é preciso estar atento a que o seu conteúdo espiritual seja um florir de vocação dentro da própria vocação para a missão que a

transcende. Mas a grande realidade é esta. A grande realidade é que tudo resulta da Obra, sob o ponto de vista humano, estar ainda na infância, como há pouco disse o Padre Carlos. E, no momento em que se definem novas directrizes, é tão difícil acertar as soluções, é tão difícil encontrar as fronteiras, mesmo as fronteiras das soluções para o bem! Aliás, se podem indicar-se limitações, tem que se reconhecer que na Obra do P.e Américo, para quem, como eu, a pôde examinar durante algum tempo, e até no contacto directo com o seu autor, tem um aspecto excepcional, que é uma nota moderna, moderníssima, na sua acção. A Obra do Padre Américo, era uma Obra onde ele contava a cada passo com a presença do erro e do pecado, que não desconhecia nem negava. Basta percorrer os seus escritos n' «O Gaiato» e verificar que ele não hesitava mesmo, não apenas para uma acção educativa directa ao próprio, em citar o nome daquele que havia pecado.

Ele sabia que isso estava acções humanas. Mas ele sabia que esse aspecto se podia ultrapassar na medida em que, em cada um de nós, houvesse o fogo ardente duma escala de valores que permite sempre restituir valores àquele que os atingiu.

● O apóstolo que liga o homem novo ao homem do século XIX.

O Padre Américo, como eu o vejo, é o apóstolo que liga o homem novo, feito no diálogo e na mundialização dos problemas, ao homem do século XIX, herdeiro do personalismo individualista que levou ao cientismo

e não ficou por aí. Nesta época de crise, a sua figura avulta como o homem que conseguiu este resultado raro: conseguiu ser um homem do seu tempo, e ser um homem actual! Conseguiu fazer a ponte entre concepções que em certo momento se compreendiam e correspondiam às exigências e às necessidades da vida social e aquelas que correspondem hoje a exigências que o próprio desenvolver das sociedades foi fazendo, pouco a pouco, desenvolver e crescer. Mas quando se formula assim a perspectiva de alguém, não se estará praticando um erro grave na medida em que se obnubila a objectividade da perspectiva dizendo que ela se projecta numa época de crise?! Cada geração vê apenas um estreito fragmento da história. E tende humanamente a considerar o futuro através das suas preocupações do momento. Crise, não será o rótulo que cada geração egoístamente apõe à sua própria época, na ideia ingénua e simplista de que os seus pais e seus avós só conheceram felicidade e bem-estar? Sem desejo de apresentar soluções novas, ou resposta nova, a esta interrogação premente, responderei: Não. A permanente insatisfação do homem a um grau desconhecido no passado; o apelo à liberdade sem peias, «liberdade-cor do homem», escreveu André Breton, fazendo tábua rasa dos valores da Verdade e da Moral; o fundamento idealista das teses de Hegel e de Marx; as concepções orgulhosas e aparentemente heróicas que visam transformar o homem em único construtor da Vida e da História; o apelo delirante ao *super-eu*, ao brado nietzschiano *de meio dia*, instante de sombra mais curta, fim do mais longo dos erros, apogeu da humanidade; o encanto da dramática aventura duma inteli-

gência que livremente quer viver e morrer a interrogar — tudo são caminhos aliciantes e tentadores, contra os quais pouco pode tantas vezes o esforço sério da disciplina das ideias que, pelo senso comum, impede a insurreição da inteligência contra a realidade. Esse conceito de realidade que o Padre Américo teve extraordinariamente claro em toda a sua vida e na sua acção e que ele herdou de S. Tomás.

×

● O Padre Américo tem de ser visto como uma personalidade multifacetada

Todavia, apresentar o Padre Américo apenas a essa faceta, seria mutilá-lo, seria apresentá-lo como ele não gostaria de ser apresentado! Basta ler o «Barredo», basta percorrer os seus artigos, espalhados nas páginas de «O Gaiato» para verificar que nos encontrávamos, além do mais, perante um grande artista! O P.e Américo era um prosador nato! Escrevia com uma linguagem que ele soube admiravelmente aproximar do Povo, do Povo que é afinal quem cria as literaturas clássicas. Ler alguns dos seus artigos, é ler poemas em prosa, escritos por um poeta moderno, tocado até por vezes dum surrealismo que nem sequer precisa de se negar para continuar a ser cristão! O Padre Américo tem que ser visto como uma personalidade multifacetada onde, como há pouco se ouviu na carta que foi lida, a prosa e a poesia se integram no todo do homem integral, católico no sentido verdadeiro do termo. A sua vida é portanto o repúdio da concepção tradicional que afirma a impossibilidade da associação da acção e do sonho.

● Dificuldades que encontrava para realizar o «Património dos Pobres»

Um dia, quando começava a pensar no Património dos Pobres e encontrava já aí algumas dificuldades, tive ensejo de com ele conversar, aqui, na Casa do Gaiato. Nesse momento, ocupava as minhas horas livres numa tarefa bastante afastada das minhas ocupações habituais: Estava tentando fazer uma recolha de poesia popular. Não propriamente daquela que tantos recolhem, da do próprio Povo, mas da poesia popular evoluída, daquela que já representa um estágio ainda sem autor definido, mas em que a inspiração directa já se encontra coada por um certo nível de cultura. Esta recordação foi-me trazida à memória poucos minutos antes desta sessão, em conversa com o Doutor Melo e Castro. Quando o Padre Américo citou as dificuldades que encontrava para



O Carlos Trindade e a Maria Helena celebraram o seu matrimónio no dia do Santíssimo Nome de Jesus.

realizar o Património dos Pobres, eu disse-lhe: que precisamente aqui, nos termos de Penafiel, me tinha sido possível reunir alguns elementos que davam o sentido que me parecia. Eram duas quadras populares que creio ainda poder reproduzir:

As ilusões desta vida
Nunca a razão as desfaz.
Nenhuma foi de vencida
Que não voltasse outra vez.

Águas que nascem na serra
À serra têm de voltar.
Leva-as o rio por terra
Mas elas voltam pelo ar.

O Padre Américo tomou nota e disse: «É isso precisamente que traduz a minha ideia do Património dos Pobres. Eu queria que essa ideia do Património dos Pobres germinasse como qualquer coisa que chega a todas as terras do nosso país vinda pelo ar, numa chuva benéfica que fizesse surgir aqui a casa, ali duas ou três, além um pequeno bairro que em cada sector do problema». E ficou tão satisfeito com o ter encontrado uma tradução não prosaica da sua ideia, que eu cheguei a rezejar que nos números subsequentes de «O Gaiato» aparecessem as duas quadras populares dessa região!

×

● A ausência do Padre Américo

Mas, para concluir, referir-me-ei apenas ao que comigo sucedeu quando há anos visitei a Casa do Gaiato e fui nela recebido, já depois da morte do P.e Américo, pelo primeiro que me apareceu: O Daniel Borges da Silva, que eu não sei se está hoje aqui entre nós. O Daniel acompanhou-me na visita e falámos na ausência do Padre Américo. Ele não dizia a morte do Padre Américo! E, conversando com outros rapazes que estavam

Ainda as nossas Bodas de Prata

Cont. da PRIMEIRA página

olhos não conhecem, mas as nossas almas sim.

Foi a Imprensa e outros meios de expressão que, para além do seu dever de reportagem, sentiram connosco o dever de meditar e agradecer o dom que Deus nos fez em Pai Américo.

Foi a presença de muitos irmãos no sacerdotio, alguns com o povo que lhes está consagrado.

Foi a lembrança de tantas comunidades religiosas.

Que a todos Deus compense pela alegria que nos deram.

* * *

E não poderíamos guardar só para nós e para quem fisicamente connosco esteve no dia 7 de Janeiro, de testemunhos de um padre e de um leigo, de cada um de sua perspectiva, deram a sua visão de Pai Américo e da Obra que Ele fundou.

Por isso, vão no presente número as palavras do Senhor Padre Garrido e do Senhor Dr. Martins de Carvalho — palavras que a técnica (Neste caso a técnica é por nós!) nos permite ouvir muitas vezes para edificação nossa.



Obra da Rua

dá todo, Ele é Pai, Ele é o Autor da Vida. E a doação d'Ele é o Filho. O Filho é a doação perfeita. É por isso que Jesus dizia: «Quem me vê a Mim, Filipe, vê o Pai». E o Pai vê-Se todo no Filho, revê-Se todo n'Ele. A-na-Se no Filho. E o Filho sabe que depende totalmente do Pai; ama-O; adora-O. E deste amor — ele insistia nisto — deste amor, o amor do Pai para com o Filho, o amor do Filho para com o Pai, procede o Espírito Santo. O Espírito Santo é Obra do Amor.

E depois explicava. É o que se está a passar, é o que se tem passado comigo. Eu tive a graça de entrar pela incorporação em Cristo: Eu tenho em mim a vida de Cristo. Eu sou Ele. E, por isso, amo o Pai nesta qualidade de filho. Amo o Pai e o Pai ama-me a mim. E este amor produz o Espírito Santo. O Espírito Santo que sopra; o Espírito Santo que cria; o Espírito Santo que é a explicação de toda a minha vida. Nada é meu. Nada

passando aqui entre as casas, eu notei que eles também diziam que o Padre Américo estava ausente! E achei esta ponta de sebastianismo, de messianismo admirável, que no fundo caracteriza os portugueses mesmo os mais positivos.

Para esses rapazes, que alguns já não tinham conhecido na sua vida terrena o Padre Américo, o Padre Américo como que estava afastado deles! Estava distante... Fôra visitar uma outra casa... Mas eles esperavam que algum dia o Padre Américo chegasse e descesse do seu automóvel e continuasse entre a Obra que era sua, como continua a ser.

E eu queria agora, para concluir, que a minha voz traduzisse apenas a ideia que sinto comum aos rapazes desta Obra, sobretudo aos mais jovens. E que a presença do P.e Américo se torne realmente, graças ao vosso espírito, real entre nós. Eu queria interpretar o seu pensamento ao dizer que neste momento estamos todos na Obra que o Padre Américo criou. Está a Igreja a que ele pertencia e que ilustrou como raros. Estão os representantes do poder político. Estão os amigos da Obra. Estão os rapazes que lhe deram realidade. Só por modéstia, só pela sua grande modéstia é que o Padre Américo não está também entre nós!

Estão todos...
Só tu não vens assentar-te
Na tábua em que tens parte
Nesta tábua redonda?!
Só tu te quedas distante
Longe do lar e de nós?!
Ó meu cavaleiro andante
Perdido no sonho errante
Que tão distante te pôs!
Dize que voltas depressa
Por sobre as águas do mar.
Nossos olhos têm pressa
De cumprir sua promessa
Quando te virem voltar.

é meu. Tudo é o Espírito Santo. O Espírito de Deus.

A Obra da Rua — dizia ele doutra vez — é uma explosão do Espírito Santo.

Ele podia, por isso mesmo, ter dito aquelas palavras de S. Paulo, que escolheu e gravou naquele livrinho tão pequenino, «Obra da Rua»: «Eu não sou nada. Mesmo que possua a Fé de todos os Santos da Igreja, se não é o Amor, eu não sou nada. Mesmo que eu penetre e domine os segredos da ciência, fale a eloquência das línguas dos homens, se não é o Amor, eu não sou nada. Sou como bronze, sou como o tímalo que tine. Não sou nada! Se eu me der em vida a todos os outros e se der tudo quanto tenho, se não for o Amor, eu não sou nada.» É o Amor. O Amor que explica. O Amor que é a gênese, a gênese de tudo. O amor cristão. O Espírito de Deus. Por isso, a Obra da Rua, não é Obra de um homem; é Obra de Deus. E porque é uma Obra de Deus, é Obra da Igreja. E porque é da Igreja, é nossa! E, por isso, Pai Américo dizia tantas vezes: «Eu não peço para mim. Eu peço para uma Obra que é de Deus. Por isso é de todos, é vossa! E vós sois os responsáveis por ela. Pela sua eficiência e pela sua existência». Obra de Deus. Obra da Igreja. Obra de todos!

Recordo aqui, aquela palavra de S.to Agostinho, que um dia, num arroubo místico disse assim: «Eu canto o amor de Deus. Eu amo o Amor que canto».

Apetecia-me dizer aqui a mesma coisa, da mesma maneira, num mesmo grito:

Eu canto uma Obra de Deus.
Eu amo a Obra que canto.

Segunda ideia — A Obra da Rua é amor a Cristo nos outros: nos irmãos mais pobres e mais doentes; na escumalha da rua, no lixo.

Quando há anos, o P.e Pedro de França veio proferir uma conferência num congresso que se realizou em Braga, no fim, viu-se cercado duma grande multidão de curiosos, que o admiravam! Estavam presos pela sua eloquência, pelo espírito que saía das suas palavras. E pediam autógrafos! Queriam a assinatura dele! E eu recordo que ele pegou num livro que lhe deram e escreveu lá assim:

«Et les autres? — Abbé Pierre» — «E os outros? — Pe. Pedro». Era o lema da sua vida.

Isto foi também o lema da vida de Pe. Américo. E os outros? Mas, porque vale a pena pensar assim tanto nos outros? Porque vale a pena dar-se assim pelos outros? Porque vale a pena consumir-se assim pelos outros? Porque vale a pena morrer assim pelos outros? Porque? Não certamente só pelas necessidades materiais que eles têm. Não certamente só, mas porque os outros são o Sacramento vivo d'Ele, de Cristo. Mas porque os outros são a actualização d'Ele, de Cristo. Está ali, neles, o Senhor. São sacrários vivos. São portadores do Senhor. «É a Mim — disse Jesus — quando fizerdes alguma coisa ao mais pequenino, é a Mim.»

Foi este amor aos outros, foi ele que lançou os fundamentos da Obra da Rua, que tem continuado a manter a sua existência e que há-de garantir-la pelos séculos sem fim! É este amor a Cristo nos outros.

Eu tenho uma cartinha pequenina que Pai Américo me escreveu talvez há 12 anos (Estava eu a acabar de ser sacerdote) e que me diz assim:

«A Obra da Rua não será epopeia, mas também não é tragédia. Não será poesia, mas também não é simples prosa. Não é história, e também não é romance. Ela é o amor a Cristo presente e vivo nos filhos de ninguém.»

Por isso deve dar-se tudo por ela».

O segredo da vida de Pai Américo está aqui. Ele sabia que o Senhor está nos outros. E por isso rastejava por eles. E por isso sofria por eles. E por isso amava-os. E, por isso, por eles deu a sua vida. Perdoem-me que vá recordar mais outro acontecimento.

Era um dia de manhã. Eu era ainda seminarista. Andava cheio de ideal! «O Gaiato» enchia a minha vida! Eu lia aquelas páginas do jornal de ponta a ponta, 2, 4, 10 vezes! Eu meditava por ele.

Terceira ideia — A Obra da Rua é um pregão de Fé. E um exemplo formidável de Fé na Providência Divina.

Todos vós conheceis aquele quadro lindo do Evangelho quando o Senhor e os Apóstolos estavam cercados por uma multidão de povo amigo de o ouvir e de o ver. E o Senhor combinou com os Apóstolos retirarem-se para a outra margem do lago. Meteu-se na barca e fugiu!

E o Evangelho diz que aquele povo pressentiu para onde iam Jesus e os Apóstolos e foi à volta do lago a correr e esperou lá por Jesus. E foi sem pensar em mais nada: nem na sua casa, nem nas suas bagagens, nem no seu sustento — não pensaram em mais nada. O Evangelho diz que o Senhor chegou ali e teve tanta pena daquele povo, ficou tão preso àquela gente, admirou tanto a sua generosidade, a sua confiança, que resolveu falar-lhes. Resolveu explicar coisas lindas. Resolveu dar-lhes de comer. E fez a multiplicação dos pães!

«O Gaiato» é um pouquinho isto. Porque amor a Cristo, porque confiança em Cristo, «O Gaiato» é um pouquinho isto. Nada lhe falta.

O P.e Baptista constrói os pavilhões do «Calvário» sem dinheiro — e não fica a dever nada a ninguém! O P.e Luis começa a construir a escola sem dinheiro — e tem a certeza de que a escola há-de ser paga! Começa a pensar na tipografia; sabe que são precisos 600 contos — tem a certeza que a tipografia aparece!

É assim o amor e a confiança em Cristo. E Cristo nunca falha quando nós acreditamos n'Ele! Nunca falha!

É um pregão; «O Gaiato» é um pregão da Fé na Providência Divina! O Senhor diz: «Procurai primeiro o Reino de Deus, a Santidade. E o resto vem».

Há pouco tempo, alguém que falava sobre a Obra da Rua, citava-me isto do Evangelho, e dizia assim: «Olhe que é capaz de ser verdade!»

É verdade! E «O Gaiato» é uma prova concreta de tudo isto!

POR
PADRE
GARRIDO

CONTINUAÇÃO
DA
PRIMEIRA
PÁGINA

Quarta ideia — A Obra da Rua é um dedo a apontar o Céu.

Não se situa num plano meramente natural. Não se situa numa acção meramente social, temporal. A Obra da Rua é um dedo a apontar o Céu. O comunismo, esse quis construir o paraíso aqui no mundo. E nós sabemos que chegou. Ao inferno! Às deportações em massa! Ao ódio! À guerra! Não sabemos ao que ele chegou.

A Obra da Rua sabe que a felicidade autêntica não está cá em baixo. Porque se alimenta do Evangelho, sabe que não está cá em baixo. Mas a felicidade deviam ter hoje os nossos pais e nós, depois destes progressos todos da técnica! Tanta coisa, tanta coisa! Não é verdade que cem anos, sem isto, os nossos avós eram muito mais felizes, numa demonstração de que nas coisas do mundo não está a felicidade? A felicidade está numa atitude de dentro. Numa atitude interior. A Obra da Rua sabe isto. E por isso aponta aos seus rapazes, e aponta duma maneira especial aos doentinhos do «Calvário», aponta-lhes o Céu. A felicidade está em cima. Por isso, aos que nada esperam do mundo, aos incuráveis, ainda tem uma palavra a dizer. E tem muita coisa a fazer.

Abre-lhes as portas do «Calvário», mostra-lhes a cruz com Cristo (A cruz sem Cristo é desespero.) E enche-os do conforto da Fé, da Esperança e do Amor. E quando o Senhor quiser, fecha-lhes os olhos para a luz ilusória deste mundo, com a certeza de que os abrirá para a Luz verdadeira. Bem-aventurança no Céu! O «Calvário», só por si, é um monumento de Caridade e de Fé na vida eterna.

Eu queria acabar estas palavras recordando o dia do funeral de Pai Américo. Quando o seu cadáver saía da Igreja da Trindade e aquele largo estava coalhado de gente. Lágrimas nos olhos — eu também chorei.

Quando o seu cadáver saía as portas da Igreja, não se sabe como, tudo caiu de joelhos no chão! E eu ouvi dizer ao meu lado: «Que há-de ser agora da Obra da Rua?» E muitos pensavam assim. Traziam esta interrogação dentro deles: «Que há-de ser da Obra da Rua?»

Eu nunca puz problema realmente ao seu progresso, porque a força que a criou e a aguentou até ali, continuava! O mesmo amor a mesma vida interior; o mesmo amor a Cristo nos outros, a mesma confiança na Providência Divina a mesma fé na vida eterna — toda a vida da Obra da Rua e dos seus obreiros, marca-lhes a vida. E isto é suficiente para que a Obra da Rua continue, suba e esteja continuamente entre nós, a redimir e promover, a valorizar e a salvar.

Agu Lisboa

Tal como estava previsto, dia 3: Missa da Comunidade. Beneficência das obras da nova escola.

Pelo pecado original a própria Natureza foi afectada. Pela Redenção retoma o seu verdadeiro fim. A Obra da Rua vive da Redenção e procura levá-la aos Homens, de um modo particular aos Rapazes, Doentes e a todos os que sofrem. Todas as nossas obras materiais devem ter aí a razão de ser.

Miranda, Beire e Paço de Sousa: horas grandes. Unidos aos nossos Prelados, retemperadas as nossas forças, novos 25 anos esperados. Pai Américo continua presente, porque de Deus e dos homens depende o amor d'Ele. Vamos continuar a santa tarefa de amar. É o nosso único desejo.

Padre L

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Gaiato

AGORA

O Ano-Novo começou, como há muitos anos, pela visita daquele Casal amigo, que se levanta cedinho e, com frio ou com chuva, vem por aí fora, faz Igreja connosco na celebração do Sacrifício Eucarístico e acamarada na hora do nosso café com leite e se demora depois a conversar e, à partida, deixa um quarteirão de contos para casas.

Ora temos, além destas duas, mais outras quatro casas por inteiro a registar. É a Casa Imaculada Conceição, com 12 contos e meio. Outra de 20 contos, de alguém que tem feito a sua vida em Dilolo, no Katanga, frente à nossa Vila Teixeira de Sousa, no termo português do Caminho de Ferro de Benguela. E outra, a chamar-se de Guida e Fernando. E outra, feita com as esmolas caídas no mealheiro do Teatro Sá da Bandeira.

Temos agora os Pessoais. O da Caixa Textil mandou, de Novembro e Dezembro, 217\$ e 202\$, «produto do 1\$ mensal». E produto da sua grande devoção, mandou a consoada de 1230\$ «para a Obra que muito admiram e muito desejam ajudar, apenas lamentando ser tão pouco».

O Pessoal da HICA, depositou 1788\$50 e 1828\$50, relativo a Dezembro e Janeiro e a Administração juntou a sua parte referente ao 2.º semestre de 64: 8976\$10.

Resta o Pessoal do Grémio de Panificação com 167\$50.

Dos Eventuais, alguém, «renovando um compromisso», 100\$.

concorrem só duas presenças: uma, de Lisboa, para a Casa dos Professores Primários: 20\$00; a outra, também da Capital e para a Casa de N. S.ª do Carmo, traz esta legenda tão saborosa:

«Peço-lhe uma oração por mim e pelo meu marido, para que haja uma maior compreensão do plano de Deus na nossa vida, e para que o meu marido, que é melhor que eu, sinta em toda a plenitude o Evangelho do 14.º Domingo: «Não vos inquieteis... Procurai primeiro o reino de Deus»... E, sendo assim, não se rale tanto pelas dificuldades que presentemente estão a atingir o seu ramo de comércio, pois quem confia no Senhor tem tudo. Creio que é esta a lição que tenho tirado através da Obra da Rua, pela leitura de «O Gaiato», e que não se paga nem com os donativos que, com maior ou menor sacrifício enviamos, nem com outras atitudes semelhantes, mas sim com uma propaganda sentida junto de amigos e conhecidos para que a Obra seja cada vez mais conhecida e mais ama-

da, pois recebemos infinitamente mais do que damos.

Que Deus abençoe todos os que fazem parte da Obra da Rua, e que os seus obreiros tenham sempre uma oração por todos os que a amam».

E vamos, finalizar, com a falange do costume: Casas a prestações.

Jorge e Berta — dois passos em frente de 100\$ cada. Mais 1250\$ da Beira, para juntar à Casa de N. S.ª da Conceição, já concluída na importância tradicional, uma vez que «hoje sabe-se que ela não chegará».

De Aveiro, um casal manda 500\$: «São a primeira pedra de uma casa que nos propomos oferecer. Se fôsse possível, gostaríamos que a casa tivesse por patronos S. José e S. João. Não sendo possível, não importa. O que importa é que seja mais uma família a viver mais feliz e mais comodamente». Ora assim é que é!

Mais 500\$ da Alda da Rua de Campolide e 200\$ da Helena. O mesmo para a Casa do António e do Fernando, que assim atinge a meta dos 12 contos. «Mas, como sei que é impossível fazer uma casa com tal quantia, prometo continuar até aos vinte contos».

Mais o costume do assinante 6790. E a 7.ª prestação de 100\$ para a Casa Adozinda e Mário. Outra sétima: esta de 50\$ e

para a Casa de S. Carlos. Duas vezes 100\$ para a Casa Pai Américo. Mais 800\$ dos «Sempre noivos», ausentes em Angola e presentes pela mão de sua Mãe. A 7.ª e 8.ª pedras da Casa do Eduardo. Duas presenças de 300+100 do Alberto do «Plano Decenal».

A 5.ª e 6.ª da Casa de S. Bernardo. Mais 400\$ para a Casa Graças à SS.ma Virgem. E metade, «uma migalha mais para a Casa Louvado seja N. S. Jesus Cristo». Mil e três mil de «Pecadoras», para a Casa Jesus consolai os que sofrem e para a daquela quadra citada na última saída da Procissão.

M. M. — A. L. aparecem duas vezes, com mil e o dobro. Mil, para a Casa N. S.ª do Lar.

Agora é Ponta Delgada, que fica em 18 contos e deseja a casa na Póvoa de Varzim.

Flagelação chegou ao fim do seu mistério e começou já a Coroação de Espinhos.

Mais 200\$ da M. Helena, de Torres Novas. Metade de «Uma Mãe», para a Casa de S.ta Terezinha, pela salvação dos meus filhos. E 500\$ da Mãe dos Estudantes. O mesmo da Maria do Resgate, de Lisboa.

E de novo Aveiro com o terceiro casal de hoje (viva Aveiro e mais os seus casais!): São o «Casal-assinante 28562» com 1.100\$ e o «Casal agradecido a Deus» com 3 contos, e muita confiança em Deus e nos homens. Felizes!

Também eu vi o brilho dos seus olhos e me aqueci ao calor do seu coração!

O correio tinha-me trazido um postal do Júlio Mendes a dizer que de mando de Pai Américo, «O Gaiato» passava a ser-me enviado, graciosamente. A braços com doença morosa e dispendiosa tinha devolvido — era, na altura, Capelão do Hospital de Paços de Ferreira — tudo quanto assinava, jornais e revistas. Não podia. Apreciei, então, a sua caridade sacerdotal para comigo. Tão bem me fez este seu gesto de desprendimento, como a leitura cristalina do Famoso, gesto ímpar.

Mais tarde, convalescente, vim para Ordins. Nova e magra Capelania. Não havia saúde para mais. À minha volta, quase só Pobres, muito pobres. Era ali o meu campo de acção, e logo que a saúde mo foi permitindo, também me fui debruçando sobre os casos de miséria da população, a quem prégava o Evangelho. Creio que o primeiro contacto que tive em Ordins com Pai Américo foi epistolar, a preveni-lo, não fosse cair, como me tinha acontecido, diante da armadilha duma «mendiga», que lhe iria bater à porta. A sua resposta foi breve e expressiva: «Tome lá para a sua grossa clientela! Eram 500\$00, que me pareceram um sonho e me permiti-

O DEPENADO E O SARNIA

ram fazer «milagres», repartir em pequeninos, resolvendo vidas. Já estava a prégear: cada terra cuide dos seus Pobres. E os contactos multiplicaram-se depois. Certo dia, fui a Paço de Sousa. Andava com tosse. Pai Américo «obrigou-me» a tomar qualquer coisa quente. Dias passados, apareceu-me em casa. Sentámo-nos na cozinha, à lareira. A ideia tinha sido dele e era ele que alimentava o lume... e a conversa, que versou sobre a minha saúde. Creio também que foi ver o meu quarto. (Era sua maneira prática de conhecer a vida dos Pobres: ver como comiam e como dormiam). Ao despedir-se, quis que aceitasse uma generosa oferta pecuniária. Recusei. Ainda estou a ouvi-lo; ao sair o portão, sorridente, e algo triste pela minha recusa: «O Senhor é orgulhoso». Depois, mandou-me um sobretudo que tinha sido dum «Senhor Bispo» — e foi, antes, aquecer os magros ossos do Luís Sapateiro...

Pai Américo prégou em

Fátima o Património dos Pobres, onde se referia a um caso de miséria confrangedora de Ribas, povoação limítrofe de Ordins, ambas pertença de Lagares. Certo dia, veio à minha procura. Disse-me do seu empenho em construir em Ordins uma Casa de Património, em memória de seu avô (se não me enganou), dali natural. E acrescentou: «ande que depois eu ajudo-o». Era só o terreno. O resto era com ele. Pai Américo cumpriu generosamente a ajuda prometida a Ordins. Superabundantemente.

A miséria do meu povo preocupava-me. Pedi a Pai Américo um cantinho no jornal. Frisou-me, contudo, que não metesse muita teologia. Mais tarde, seria ele a pedir doutrina: «Noto e estranho que não tenha feito doutrina social nos «Chales de Ordins». E quinze dias depois: «Não compreendo seu silêncio quanto à doutrina social».

Uma vez mais, «O Gaiato» foi ímpar. Pai Américo, pondo-o ao dispor de Ordins, sabia, de antemão, que muitos donativos lhe fugiriam, mas, nem por isso, temeu a concorrência. Abriu-lhe as portas e o coração. Ímpar, pois «as Agências, todas as Agências têm sua percentagem. Não sei

se me entende...! Quanto para os nossos rapazes?» — escrevia, ao devolver-me os pedidos, que choviam sobre Paço de Sousa. Prova de muito carinho, é a sua carta, datada de 4 de Dezembro de 1955:

«Caro Padre Aires. Padre Carlos tem encomendas e já com dinheiro na mão. Eu também e tenho, além disso, doze peças para as «Criaditas», só falta saber a côr. É possível que também por outras vias lhe tenham chegado outras, e é certo que, pelo «Gaiato», ainda mais vêm.

Suspenda, pois, a ida ao Subsecretário. É cedo. Com estas pequeninas procuras, estude, experimente, meça a capacidade da produção, atendendo e executando o que aparece e depois sim. Mas só depois. Olhe que o «padre da rua» não deve nem prometer; — presta obediência.

Seu muito amigo in C. J.

Padre Américo

P. S.

Júlio acaba mesmo agora de me informar que também deseja obra para Pobres da Conferência. Depois dirá.

As fiandeiras de linho interessavam-se. A paga era

insignificante. Ora vim a saber que a Casa do Gaiato semeava linho e pagava bem. Dentro em breve, em Ordins já várias Pobres fiavam para lá. Consolava-me, quando voltavam com a paga nas mãos: dinheiro, boa merenda e roupas. Em 1955 tinha Pai Américo resolvido não tornar a semear linho. Fiquei triste e, certo, fiz-lhe sentir o que me ia na alma. Em 27 de Abril, escreveu-me o cartão seguinte:

«Ao maior Sarna de Portugal e arredores: Vai-se semear linho. Capitão Santos deve já ter 5 deles para si, pré calar. Pague os pedreiros. Seu Relatório já seguiu para Lisboa e vai sair no próximo «Gaiato».

E agora esteja caladinho e quietinho, que a gente tem mais que fazer.

O Depenado»

Aqueles 5 foram 5000\$00, subsídio que Pai Américo me conseguiu, princípio das pequeninas colónias balneares de Ordins. A publicação do Relatório no «Famoso» foi surpresa. Só queria que Pai Américo apadrinhasse as pretensões justas que nele se pediam às entidades oficiais para Ordins. Quanto a ficar «calado e quietinho»... isso não seria possível a um «sarna», que aproveita, agora, a data das Bodas de Prata da Obra da Rua para confessar, publicamente, a sua enorme dívida de gratidão ao Depenado de tão saudosa memória.

Padre Aires

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES